

EXPOSING MAXWELL — TRADUÇÃO PARA O PORTUGUÊS

Texto do documento histórico, preservando a ordem das páginas.

[PÁGINA 1]

PREFÁCIO EDITORIAL

1968

Com o ritmo cada vez mais acelerado dos acontecimentos no mundo religioso, a importância do recente Concílio Vaticano II se torna cada vez mais evidente. Arthur S. Maxwell, editor da Signs of the Times, esteve entre os que participaram desse encontro. Ao voltar de Roma, relatou suas impressões sobre o concílio num sermão pronunciado na Igreja da Universidade, em Loma Linda, Califórnia.

Nesta edição de Present Truth, apresentamos o discurso de Arthur Maxwell sobre o Vaticano II e as impressões que recolheu ao comparecer àquele concílio histórico. Após a transcrição desse sermão, incluímos um apêndice com material provocador e significativo, para exame dos leitores.

N. J.

[PÁGINA 2]

A MÃO ESTENDIDA

Arthur S. Maxwell — Relato de um sermão Impressões do Vaticano II

Primeiro, a cordialidade com que fomos recebidos. Vejam, já estive lá várias vezes, isto é, em Roma. Sempre houve certa frieza, mas agora não mais, não mais. Isso era evidente de muitas maneiras. Por exemplo, na concessão de credenciais à imprensa. O irmão Loewen estava lá pela Religious Liberty; o irmão Cottrell, pela Review and Herald; o irmão Beach, do norte da Europa; e eu, pela Signs. Bastava apresentar uma boa razão para pedir a credencial, e ela era concedida. Se você fosse editor ou correspondente de um jornal de verdade, recebia o passe. E eles o concediam a pessoas de todas as religiões. Assim, quatro adventistas receberam essas credenciais. Achei que gostariam de ver a minha. É o único documento que tenho com as chaves cruzadas e a tríplice coroa. Preciso ter cuidado com os lugares onde o mostro. Não quero que ninguém pense que estou passando para a Igreja de Roma. Mas é uma credencial muito bonita e de grande utilidade. Esse pequeno passe me permitia ir aonde quisesse durante o concílio.

Outro aspecto dessa cordialidade foi a maneira como organizaram os lugares reservados à imprensa mundial durante a cerimônia de abertura. Fiquei mais perto do papa que qualquer um dos cardeais. Permaneci a apenas uns doze metros dele durante três ou quatro horas, com uma visão perfeitamente clara, como a que alguns de vocês teriam a essa mesma distância. Sei que eram doze metros porque medi a distância em passos depois da cerimônia. Pensei: “Ninguém vai acreditar que fiquei tanto tempo tão perto de Sua Santidade”. Mas tive uma visão maravilhosa e observei de perto algumas coisas fascinantes, das quais não falarei agora, mas talvez conte a alguns de vocês em particular: pequenos detalhes humanos muito, muito interessantes, que só se percebem quando estamos tão perto.

Outro sinal dessa nova cordialidade foi o discurso de abertura do papa. Trouxe-o comigo. Não vou lê-lo, porque é longo, mas foi um discurso belíssimo. Isso ocorreu na abertura da sessão final. Sabem qual era o tema? O amor. Vou citar um parágrafo:

[PÁGINA 3]

“O concílio oferece à Igreja e especialmente a nós uma visão panorâmica do mundo. Poderá a Igreja, poderemos nós, fazer outra coisa senão contemplá-lo e amá-lo? Essa contemplação foi uma das principais atividades da presente sessão. Novamente, e acima de tudo, amor — amor por todas as pessoas de hoje, sejam elas quem forem e onde quer que estejam. Enquanto outras correntes de pensamento e ação proclamam outros princípios para edificar a civilização humana, como o poder, a riqueza, a ciência, a luta, o interesse próprio e semelhantes, a Igreja proclama o amor. Este concílio é um ato solene de amor pela humanidade.”

Pensei em oferecer o discurso inteiro ao nosso presidente, isto é, ao novo presidente, se houver um. Sabem? Esse discurso do papa poderia ter sido pronunciado numa assembleia da Associação Geral. Talvez fosse melhor que alguns que ouvimos. Todo o discurso apresentava a imagem de uma igreja que ama a humanidade. Precisamos ajustar um pouco nosso modo de pensar. Não havia ali condenação dos protestantes, nenhuma sugestão de perseguição a quem quer que fosse, mas amor, amor sincero por todos: os irmãos separados, os que não pertencem à igreja e as pessoas de todas as crenças e religiões. Uma mudança muito, muito maravilhosa, e muito, muito significativa. Voltarei a mencioná-la.

UM PODER IMPRESSIONANTE

Minha segunda impressão foi o poder aparentemente assombroso — e quero dizer realmente assombroso — daquela organização. No primeiro dia, no dia da abertura, fomos assistir à Procissão de Penitência, da Igreja da Santa Cruz à Basílica de São

João de Latrão. A distância é de aproximadamente um quilômetro e meio, e todos os presentes ao concílio participaram da procissão. Eram centenas e centenas: cardeais, arcebispos, bispos e sacerdotes. Aquilo era tremendo, realmente. Enquanto observava, não pude deixar de pensar: “Que poder tudo isso representa!”. Passava diante dos meus olhos e, sabem, lembrei-me de Davi e Golias: o pobre e pequeno Davi, com nossas pedrinhas, às vezes diante de um poder tão enorme. E é mesmo um poder.

Vimos isso novamente quando os delegados saíam do concílio por volta de 12h15 todos os dias. Ficavam reunidos das nove ao meio-dia, encerrando assim o trabalho da manhã. Depois, naturalmente, tinham subcomissões como nós: dezenas de comissões e subcomissões reunidas à tarde e à noite. O concílio propriamente dito voltava a reunir-se na manhã seguinte. Eu os observava saindo, todos com seus paramentos brilhantes. Saíam às dezenas e centenas de São Pedro e atravessavam aquela praça imensa. Era fascinante e, novamente, sentíamos como Davi na presença de Golias.

[PÁGINA 4]

O ASPECTO MEDIEVAL

Outra grande impressão foi o caráter medieval da organização, muito afastado do século XX sob inúmeros aspectos. Havia todo aquele aparato da cerimônia de abertura, que jamais esquecerei. Quando chegou a hora de começar a primeira reunião em São Pedro, as luzes foram acesas cerca de vinte minutos antes da cerimônia, naturalmente para permitir que a televisão fizesse suas imagens. E, sabem, na cúpula da Basílica de São Pedro — muitos de vocês certamente já a viram — instalaram refletores poderosíssimos. Não houve economia de iluminação nem das despesas para colocá-los ali. Sabiam que o mundo veria o que aconteceria sob aquela cúpula. Quando as luzes se acenderam, parecia quase dia; iluminaram o escarlate dos cardeais e o vermelho rosado dos arcebispos e bispos. Havia também os trajes fascinantes da Guarda Suíça, todos com elmos e alabardas, protegendo o papa.

E no centro de tudo, naturalmente, estava o próprio papa, em seu trono dourado, vestindo tecido de ouro sobre escarlate. Não pude deixar de lembrar uma passagem de certo livro do Novo Testamento, que não vou mencionar diretamente, mas vocês sabem a que me refiro. Aquela imagem, aquela visão de ouro e escarlate: estava ali diante de nós. Sabem do que me lembrei? De uma dessas televisões coloridas da Disney. Era um espetáculo magnífico, absolutamente fascinante; mas não pude deixar de dizer a mim mesmo: “Isso não pertence ao século XX”. Realmente não. Era algo que cabia à Idade Média, e que foi transportado para cá. Toda aquela parafernália foi carregada para o século XX, ao qual, na verdade, não pertence. Mas vocês verão daqui a pouco.

Havia também todo o elaborado cerimonial. Algo muito interessante aconteceu, indicando uma mudança. Logo depois da missa, entregaram ao papa um Novo Testamento iluminado, que ele tomou e ergueu no ar, caminhando em torno do altar-mor, por toda a nave da Basílica de São Pedro, e retornando. Deve ter cansado seus braços mantê-lo suspenso. E, sabem, faziam isso todos os dias do concílio para demonstrar a nova atitude da Igreja Católica diante da Bíblia. Depois da missa, todos os dias, alguém conduzia o Novo Testamento dessa maneira por toda a igreja. Muito significativo! Tremendamente significativo!

Outro aspecto medieval era o uso do latim. Todos os discursos pronunciados naquele concílio tinham de ser em latim. Todos os documentos precisavam ser traduzidos para o latim, apesar do fato — mencionado por um dos padres católicos numa entrevista coletiva — de que certas expressões e concepções modernas ficam completamente desfiguradas na tentativa de traduzi-las para essa língua.

[PÁGINA 5]

O latim simplesmente não comporta algumas dessas concepções modernas, especialmente certas expressões delicadas da língua francesa. Isso foi mencionado especificamente. Ali estava a igreja, trabalhando sob o peso de uma língua medieval, tentando colocar seus pensamentos numa língua antiga, fora de uso no mundo atual. E, sabem, houve algo que não deveria ser citado, mas que foi admitido por um dos padres na entrevista: até alguns cardeais e bispos não entendem o latim. Profissionais traduzem seus discursos, talvez do inglês americano para o latim, e eles os leem. Sabem o suficiente para ler, mas não entendem o que estão dizendo em latim. Eu não teria ousado fazer tal afirmação, mas esse padre católico disse a um grupo de jornalistas: “Alguns dos reverendos padres não entendem o que estão lendo”. É um detalhe de bastidores, não destinado à publicação, mas mostra como a igreja sofre sob o peso dessa língua antiquada, obsoleta e desgastada.

Outra observação sobre o caráter medieval eram as repetidas afirmações de que a Igreja Católica é a única igreja verdadeira e de que não mudou em questões de fé e doutrina. E isso, naturalmente, é verdade. Em todas as mudanças a que me referi pela manhã e que voltarei a mencionar em parte nesta tarde, não existe mudança de doutrina. Devemos nos lembrar disso, precisamos manter o equilíbrio. A atitude em relação aos protestantes mudou, mas a atitude diante das grandes doutrinas da igreja não mudou. Isso foi afirmado e reafirmado muitas vezes, e voltarei a falar do assunto. Contudo, apesar de não haver mudança fundamental, há muitos sinais de transformação. Como disse nesta manhã, essa antiga organização está rangendo em todas as juntas enquanto tenta atravessar o furacão do pensamento do século XX. É a pura verdade. Não sei se vocês viram, há poucos dias, na revista Life, esta

declaração sobre a visita do papa a Nova York:

“O papa Paulo vive sob risco enquanto administra sua igreja. O risco é a própria essência de todo este concílio e da revitalização da igreja. O papa João abriu uma caixa de Pandora. O catolicismo, cuja estrutura aparentemente monolítica encobre um amplo espectro de opiniões e temperamentos, está em fermentação de debates públicos e privados sobre tudo, desde o controle da natalidade e o significado da Eucaristia até a busca de pontos em comum com os comunistas, um clero casado, a psicanálise dos monges e aquilo que o próprio Paulo criticou como uma noção alterada do pecado. As opiniões de alguns desses católicos, especialmente na Holanda, são bastante radicais; e, se a corrida dos progressistas rumo ao modernismo não for contida e orientada, a própria fé católica correrá o perigo de enfraquecimento de um lado ou de cisma do outro.”

[PÁGINA 6]

Isso saiu na Life, uma declaração extraordinária e muito verdadeira sobre o que está acontecendo atualmente na Igreja Católica. O papa João disse que queria abrir uma janela e deixar entrar um pouco de ar fresco. Ele abriu, mas não calculou a força do vento. Agora ninguém consegue fechar a janela, e a força do vento aumenta a cada dia.

LIBERDADE DE DISCUSSÃO

Passo agora a outra impressão: os sinais de mudança que observei, como a liberdade de discussão. Nós não estamos preparados para isso. Contei a algumas pessoas, e elas perguntaram: “Quer dizer que era permitido discordar?”. Ah, sim! Discordavam inteiramente, completamente, sobre todos os assuntos apresentados. Havia cardeais a favor e cardeais contra. Tinham liberdade para dizer o que quisessem no plenário do concílio, e isso é mais do que se pode dizer... Ah, meu Deus, meu Deus, quase falei, não é? Mas vocês sabem o que quero dizer. Se alguns de nós discordassem publicamente, talvez fosse seu último discurso, entendem? Temos um jeito de, sabem, enviar certas pessoas para o exterior. Mas nunca digam que eles não têm democracia. Confesso que achava que não tinham. Tive de corrigir minha impressão. Havia democracia absoluta. É verdade que, segundo entendi, um grupo examinava os discursos antes de serem pronunciados. Suponho que fosse para impedir a entrada de certas coisas no concílio, mas ainda assim podiam dizer o que queriam. Nós, jornalistas, recebíamos um resumo. Todos os dias, às 12h30, recebíamos, traduzido para o inglês, um resumo de todos os discursos daquela manhã e podíamos perceber como eles haviam discordado — discordado violentamente — naquela mesma manhã. Fascinante! É um novo dia, amigos. Um novo dia!

Depois, havia a presença da imprensa. Mal se pode imaginar a imprensa acompanhando o Concílio de Trento no século XVI. Isso dá uma ideia de quanto tudo mudou. Todos os periódicos importantes do mundo tinham representantes no Vaticano durante o concílio. Havia centenas de jornalistas, e nem todos eram católicos. Estavam ali católicos e protestantes. Vi Lowell, da POAU (Protestantes e Outros Americanos Unidos), e também Blanshard, autor de livros ferozmente anticatólicos; havia jornalistas da Time, Life, Newsweek — qualquer revista que imaginarem estava representada. Todos estavam lá!

Havia duas entrevistas coletivas por tarde. A primeira era às 12h30, quando recebíamos o resumo do que havia sido dito e podíamos fazer algumas perguntas, mas não muitas, por falta de tempo. Depois todos voltávamos — e voltávamos mesmo, toda tarde — às três horas, para o que chamavam de “entrevista coletiva dos bispos”. Acho que foi a coisa mais fascinante a que já assisti. Não teria perdido aquilo por nada no mundo, porque os principais jornalistas do mundo faziam suas perguntas e havia uma mesa de padres diante deles. Tinham escolhido, podem acreditar, alguns de seus homens mais brilhantes, de raciocínio mais agudo, para sentar à frente e responder à imprensa mundial. Imaginem o privilégio de estar ali, ouvindo os jornalistas perguntarem e os padres responderem. Nunca pensei que chegaria o dia em que algo assim aconteceria. Mas vi e ouvi, e logo me envolvi.

[PÁGINA 7]

Sim, aquilo era exatamente a minha praia — obrigado, eu não sabia se vocês usavam essa expressão aqui, mas “praia” é uma boa palavra —, porque pensei: “Que oportunidade de fazer algumas perguntas!”.

ALGUMAS PERGUNTAS

Comecei a perceber que só uma dúzia de jornalistas fazia perguntas. Os outros ficavam sentados, ouviam, davam risadinhas e se comportavam como jornalistas costumam fazer, mas apenas alguns perguntavam. Pensei: “Bem, esta é nossa oportunidade!”. Notei também outra coisa. Tinham um excelente presidente de mesa. Era magnífico: ouvia a pergunta, memorizava-a e a repetia em voz alta para que todos a ouvissem. Notei que cada jornalista se identificava quando perguntava, mas, depois de algum tempo, aquele presidente passou a reconhecer alguns deles. O representante da Time já devia ter participado de outras ocasiões, porque, ao levantar a mão, o presidente dizia: “Jenkel, revista Time”. Ele nem precisava dizer nada. Com outros acontecia o mesmo: o presidente dizia: “Ah, sim, revista Life”, ou “Newsweek”, e assim por diante.

Depois que fiz algumas perguntas, imaginem minha emoção quando, ao erguer a mão novamente, ele disse: “Maxwell, Signs of the Times”. Meu irmão, eu tinha

chegado lá! Que maravilha! Na presença da imprensa mundial, da Time, da Life e de todas as outras, ele reconhecia a diferença. Aquilo me fez muito bem quando disse: “Maxwell, Signs of the Times”. Não prejudicou em nada a Signs ter aquela publicidade diante de toda a imprensa mundial. Fiquei particularmente satisfeito porque todos os amigos protestantes, inclusive Lowell, gostaram de algumas daquelas perguntas. Querem que eu leia uma? Tive o máximo cuidado ao escrevê-las, porque não podia correr riscos diante daquela plateia, tanto por causa dos jornalistas e dos padres quanto do gravador que vi registrando tudo o que dizíamos. Resolvi não dizer nada que não devesse, e essa é uma boa resolução para todos nós tomarmos de vez em quando.

[PÁGINA 8]

LIBERDADE RELIGIOSA

Certa tarde, levantei a mão e disse: “Desde que comecei a participar dessas reuniões, das quais muito tenho gostado, percebi um esforço de teólogos eminentes e doutores em direito canônico para provar que a igreja nunca esteve realmente errada sobre liberdade religiosa, mas vem evoluindo lenta e seguramente até a feliz situação atual. Não pouparia muito trabalho a esses doutos irmãos, e não estaria muito mais próximo da verdade, dizer que durante a Idade das Trevas a igreja estava profundamente errada nessa questão e que tem uma enorme dívida para com seus irmãos separados, por terem ajudado a conduzi-la à luz?”. A sala inteira estremeceu com aquela pergunta!

Bem, foram muito corteses, muito gentis, e tentaram demonstrar que a própria igreja havia descoberto isso antes dos protestantes. Como mencionei hoje de manhã, John Courtney Murray, famoso teólogo jesuíta e historiador, levantou-se e tentou efetivamente provar que não foram os protestantes, mas os católicos, que descobriram os princípios da liberdade religiosa. Eis um assunto para a próxima edição da revista Liberty. Descobriram ou não? Ele afirmou que os católicos os descobriram, e eu estava ansioso para me levantar, mas não me permitiram uma segunda pergunta. Isso era para evitar discussões intermináveis. Podíamos fazer uma pergunta, lançar o assunto, e outros podiam continuar; mas quem perguntava não podia voltar a insistir. Eu queria levantar e perguntar o seguinte: “Por que, então, vocês não agiram conforme descobriram esses princípios? Ficaram guardando-os para si?”. Mas não tive oportunidade.

Outro dia fiz uma pergunta assim, tão poderosa quanto uma daquelas pílulas de vitaminas: “Mais cedo ou mais tarde, a igreja pretende expressar algum grau de pesar por sua violação da liberdade religiosa nos séculos passados, como, por exemplo, durante a Inquisição e em outras perseguições?”. Eu perguntei primeiro: “Até que ponto vai esse pesar?”. Depois: “Seria correto que representantes católicos expressassem arrependimento por essas violações da liberdade religiosa?”. Oh, meu

Deus!

Sabem, foi interessante ouvir a reação do presidente da mesa. Ele me disse: “Deixe-me ver, padre, acho que o senhor deve responder a esta”. E o pobre padre teve de se levantar e fazer o melhor que pôde. Foi então que vi uma demonstração extremamente surpreendente e divertida — se me permitem usar a palavra — da mente jesuítica. A resposta foi: “Existe diferença entre lamentar e arrepender-se”. Vocês já tinham pensado nisso? Eu nunca. O bom padre disse: “É possível lamentar sem se arrepender. O arrependimento é coisa pessoal. Uma instituição não pode arrepender-se; um indivíduo pode. Portanto, a igreja não poderia arrepender-se do que fez na Idade das Trevas”. Não é uma ótima resposta? Eu nunca tinha pensado nisso. E ele disse: “Naturalmente, nós lamentamos, mas não podemos nos arrepender”. Não é de admirar? Achei uma das distinções mais sutis que já ouvira.

[PÁGINA 9]

No dia seguinte, experimentei esta pergunta. Foi a que provocou a saudação “Sr. Maxwell, Signs of the Times”: “Se a revelação divina é uma marca da igreja verdadeira”, como foi afirmado muitas vezes durante o concílio, “e se ela é indispensável para perceber a verdade”, como também afirmaram, “como explicam que os irmãos separados tenham descoberto o glorioso conceito da liberdade religiosa trezentos anos antes de a única igreja verdadeira adotá-lo? E isso não sugeriria que a doutrina da única igreja verdadeira é outro conceito antiquado que precisa ser atualizado?”. Toda a plateia riu também dessa pergunta, porque, quando se pensa a fundo, são perguntas fulminantes. Atingem a base de toda essa questão.

Foi então que um daqueles homens se levantou e disse: “Quanto à questão da única igreja verdadeira, queremos deixar absolutamente claro que esse é nosso ensinamento. A Igreja Católica é, de fato, a única igreja verdadeira”. Não sei se vocês perceberam, mas, algumas semanas depois — há apenas três semanas — houve novo estudo sobre essa declaração de liberdade religiosa, e eles acrescentaram ao documento, que será promulgado pelo papa ao final da sessão, que nada nele altera de maneira alguma o ensinamento de que a Igreja Católica é a única igreja verdadeira. Isso estraga um pouco as coisas, não é? Ou seja, você tem total liberdade, em seu direito humano fundamental de escolher, mas é melhor tomar cuidado e escolher a igreja certa! Isso acabou limitando um pouco a declaração de liberdade religiosa naquela sessão. E sabem? Foi feito por condescendência para com o setor conservador. Quando se discutia a possibilidade dessa alteração, alguém perguntou: “A cláusula relativa à única igreja verdadeira está sendo acrescentada para aplacar o setor conservador do concílio?”. E o padre na tribuna respondeu: “Penso, senhor, que essa pode ser uma percepção muito acertada”. Foi exatamente assim: “Penso, senhor, que essa pode ser uma percepção

muito acertada”. Uma resposta deliciosa a uma pergunta difícil.

ELES SÃO SINCEROS?

Passamos agora a outros assuntos relacionados às perguntas. Eis uma delas: “A declaração sobre liberdade religiosa será obedecida em todos os países?”. Alguém me perguntou isso aqui ao final da reunião da manhã. Será obedecida? É uma pergunta muito boa e apropriada, e devemos examiná-la. Ligada a ela está outra pergunta, que dezenas de adventistas me fizeram: “A Igreja Católica é sincera nessa declaração de liberdade religiosa?”. Minha opinião pessoal é que eles são sinceros, absolutamente sinceros ao fazerem essa declaração neste momento. Mas também reconhecem claramente que levará muito tempo para que ela alcance toda a igreja.

[PÁGINA 10]

Alguém perguntou: “E a Colômbia? E a Espanha?”. Não pensem que essas questões passaram despercebidas. Não passaram. Foram levantadas por muitas pessoas que não eram católicas. Perguntaram com franqueza: “O que acontecerá nos países onde houve perseguição?”. Um padre respondeu: “O fato de uma doutrina ser aprovada aqui não significa que todos os católicos do mundo vão obedecê-la. Deus promulgou os Dez Mandamentos, mas não são muitos os que os observam”. Resposta muito interessante. Interessantíssima! Foi o que ele disse. Anotei.

Outro homem se levantou e disse: “Há também o lado prático. Quando o papa declarar que essa é a política da igreja” — e ele o fará; não creio que haja dúvida —, “todo católico no mundo terá o direito e o dever de obedecer. Mas isso não acontecerá da noite para o dia. E não devemos esperar que, em determinadas partes do mundo onde a igreja era dominante e detinha tudo em seu poder, as coisas mudem de um dia para o outro”. Considerei uma declaração muito razoável.

UMA MUDANÇA EXTRAORDINÁRIA

A Igreja Católica Romana iniciou uma mudança extraordinária. É algo completamente diferente de tudo o que milhares de sacerdotes imaginaram ou sequer consideraram. Talvez seja exigir demais que, de repente, todos os padres do mundo adotem ideias que são, na realidade, protestantes. Mas, tendo dito isso, acrescento que não devemos minimizar o que a Igreja Católica fez. É um enorme passo à frente, sem dúvida. É extraordinário que a igreja tenha se colocado ao lado dos protestantes ao declarar que cada pessoa possui o direito humano fundamental de escolher sua própria religião e seguir os ditames da própria consciência. Se a igreja permanecerá fiel a isso para sempre, não sei. Não estou fazendo previsões sobre o futuro. Não afirmo que ela jamais mudará essa política. Mas não podemos

negar que foi um passo enorme.

Falei da liberdade de discussão na presença da imprensa, das perguntas e, novamente, da declaração de liberdade religiosa. Há outra coisa sobre isso que gostaria de mencionar. Existem duas grandes razões pelas quais essa declaração foi feita. Talvez vocês ainda não tenham pensado nelas. Levei algum tempo para percebê-las.

[PÁGINA 11]

A primeira razão é que a Igreja Católica hoje sofre perseguição em muitos, muitos lugares. Onde o comunismo está no poder, ela perdeu todos os seus privilégios. Pensem nisso. Em enormes regiões do planeta — China, Rússia, alguns países do Leste Europeu — a igreja era antes dominante. Agora não é mais. Não possui poder algum. E tenho a impressão de que uma das grandes razões pelas quais ela defende a liberdade religiosa é seu próprio interesse. Precisou defender a liberdade de todos para recuperar parte de sua própria liberdade. Vale a pena pensar nisso. Creio que tenho razão. Uma grande razão para o súbito interesse católico na liberdade religiosa é o fato de a igreja estar sendo perseguida. Isso faz grande diferença, não faz? Faz grande diferença sofrer perseguição ou não.

A segunda razão é que o evangelho da liberdade está penetrando em todos os níveis da vida católica romana: nas escolas secundárias, seminários e universidades. Alguns dos principais estudiosos e escritores católicos tornaram-se defensores do princípio da liberdade que os protestantes vêm promovendo há tanto tempo. Portanto, existe essa dupla razão para a mudança.

Hoje de manhã mencionei outra mudança muito real: a crise da obediência. Ninguém quer mais obedecer a ninguém. Os líderes ordenam, mas os outros não obedecem. Essa crise da obediência, ou crise de autoridade, como alguns a chamam, também está abalando a igreja e permitindo a entrada de outras influências, abrindo às pessoas a possibilidade de ler e estudar a mensagem adventista. Não é verdade?

UMA NOVA LIBERDADE

Haverá uma liberdade nova. As pessoas dirão: “Bem, tenho o direito de ler isso se quiser, e você não pode me proibir”. Essa atitude vai se espalhar por toda aquela organização que, por tantas gerações, resistiu à penetração de qualquer verdade vinda de fora de suas fileiras.

E, como mencionei esta manhã, há também a nova atitude diante da Bíblia: não apenas a leitura, mas seu estudo por especialistas. Durante anos, resistiram a isso por medo de que a igreja se desviasse. Não soa um pouco como alguns adventistas,

morrendo de medo de permitir que estudiosos examinem profundamente as Escrituras, receosos de que nos desviem?

[PÁGINA 12]

Mas a Igreja Romana agora autorizou o estudo acadêmico das Escrituras em todas as versões, voltando aos antigos manuscritos e assim por diante. Essa agora é a política da igreja. É uma novidade. Não era aceita, nem sequer considerada, três, quatro ou cinco anos atrás. Mudança extraordinária!

Outra novidade que mencionei é a publicidade de livros protestantes nas revistas católicas. Alguém me perguntou hoje de manhã: “O que foi anunciado na revista The Priest?”. Talvez eu não tenha explicado direito. O que apareceu anunciado na The Priest foi a coleção de dez volumes de The Bible Story, impressa e publicada por diversas editoras adventistas. Irmãos, isso é obra do Senhor e deve ser maravilhoso aos nossos olhos! E continua acontecendo. Sabem que outras revistas católicas, ao ouvirem falar dessa publicidade, estão praticamente implorando o privilégio de publicá-la? Estão competindo entre si para receber anúncios dos adventistas do sétimo dia. Não é interessante? Não é um novo tempo quando eles vêm dizer: “Podemos anunciar seus livros, por favor?”. Ah, irmãos, que época para se estar vivo! Nunca imaginei viver para ver esse dia, mas agradeço a Deus por vê-lo agora, e por vocês também o verem.

A MÃO ESTENDIDA

Bem, preciso concluir. Tomei muito do tempo de vocês, mas sinto sinceramente que nós, como povo, precisamos repensar nossa abordagem dessas pessoas tão queridas. Precisamos repensar nossa maneira de tratar nossos amigos católicos romanos. Como podemos rejeitar uma mão estendida e ainda ser cristãos? Como podemos dizer que pertencem ao anticristo quando demonstram tantas belas atitudes cristãs? Isso os choca muito? Espero que sim! Espero mesmo, porque precisamos ser sacudidos para adotar uma atitude nova, mais amistosa e mais amorosa para com essas pessoas queridas. Creio que teríamos o dobro do número de membros se as tivéssemos tratado como Deus sempre quis que as tratássemos, se as tivéssemos amado em vez de odiá-las. Ouviram o que um menino disse num programa de televisão? Perguntaram o que ele sabia sobre os adventistas do sétimo dia. Ele respondeu: “Bem, eles não comem carne e odeiam os católicos”. Foi na televisão, transmitido por toda a Califórnia! Não é terrível? Não é terrível?

Precisamos amar essas pessoas queridas, e elas são muito amáveis. Conheci algumas em Roma. Como foram gentis! Pretendo manter contato com elas. Fui ao homem responsável por aquela entrevista coletiva e disse: “Amigo, estou impressionado com sua bondade, com a maneira como ouviu minhas perguntas,

ainda que fossem um pouco incisivas. Nunca perdeu a paciência; sempre foi tão fraterno”. Eu lhe disse: “Agradeço muito sua fraternidade”, e apertamos as mãos.

[PÁGINA 13]

Depois fui ao homem que mencionei hoje de manhã, o padre Malley, editor da nova revista católica The Bible Today. Tivemos uma conversa muito agradável. Falei-lhe de The Bible Story e de como a coleção aparecera na The Priest. Ele me disse: “Olhe, se me deixar examinar esses livros, farei uma resenha. Darei a eles uma boa apresentação na minha revista”. Ali estava um padre católico oferecendo-se para publicar uma resenha favorável de nossos livros em sua revista católica.

Ah, amigos, não podemos excluir essas pessoas do reino. Não podemos condená-las nem marcá-las com o sinal da besta. Que coisa terrível temos feito todos esses anos, para depois nos perguntarmos por que elas não gostam de nós. Ora, meus queridos, sequer tentamos gostar delas. E digo que chegou a hora de sair e amá-las. Sabem o que sugeri como lema para a campanha da Signs no próximo ano? Sugeri que incluíssemos em nossa lista, para o ano seguinte, os católicos: amigos católicos às dezenas e aos milhares. Pensem em todos os seus amigos e conhecidos católicos e coloquem seus nomes na lista da Signs na próxima primavera, quando começar a campanha da revista.

Creio que chegou o tempo, que soou a hora de estendermos a mão com ternura e amor a essas pessoas queridas, que pela providência de Deus de repente foram libertadas, ganharam liberdade para pensar e escolher por si mesmas e receberam de sua própria hierarquia a orientação de ler a Bíblia. Ora, irmãos, que outra coisa vocês esperavam que Deus fizesse para abrir aquela enorme organização à penetração desta mensagem? Que mais poderia Deus fazer? Eu lhes pergunto. Ele fez tudo o que podia! Agora cabe a nós avançar nessa maravilhosa nova situação que Ele abriu para o povo remanescente. Espero sinceramente que o façamos!

UMA NOVA ABORDAGEM

Há ainda outra coisa. Esses acontecimentos nos obrigarão a pensar, realmente, nessa nova situação. Acho que muitos dos nossos pregadores terão de jogar fora muitos sermões antigos. Vocês e eu, muitos sermões antigos. Já descartei vários. Sabem o que acho que vai acontecer? Não podemos continuar pregando sobre essas pessoas como pregávamos trinta, quarenta, cinquenta anos atrás. Simplesmente não podemos. Os fatos estão todos contra nós. Como vamos continuar dizendo que elas perseguem e queimam Bíblias quando não estão fazendo nada disso? Precisamos preparar novos sermões, não é, irmão? Com certeza!

Acho que precisaremos formar novos estudiosos da Bíblia, melhores e mais completos, para enfrentar esta nova e desafiadora situação. Pensem bem. Esses queridos amigos vão começar a estudar a Bíblia. Já organizaram cursos bíblicos por correspondência para ajudar seu próprio povo a estudar as Escrituras.

[PÁGINA 14]

Eles se tornarão especialistas no estudo da Bíblia, e isso será um grande desafio para a Igreja Adventista. Justamente quando estamos ficando um pouco indiferentes à Bíblia e preguiçosos demais até para levá-la à igreja, eles chegam com novo entusiasmo pelas Escrituras. Vejam como publicam uma revista dessas, dedicada a promover a apreciação popular da Palavra de Deus. Não ousaríamos publicar algo assim hoje. Diríamos que não venderia, entendem? Mas eles estão entrando nesse campo. Se não tomarmos cuidado, acabarão se tornando estudiosos da Bíblia melhores do que nós. Seus padres se tornarão bons estudantes da Bíblia. Já são bons estudiosos, mas ficarão ainda melhores. Terão alguns dos maiores especialistas bíblicos do mundo, e precisaremos de homens da mesma qualidade para dialogar com eles.

Deus nos ajude a estar preparados! Todos precisamos estudar melhor a Bíblia do que jamais estudamos. Vejo que essa é uma consequência necessária dos acontecimentos surpreendentes dos últimos meses e anos. Estamos entrando numa situação que nos desafiará a pensar com o melhor de nossa capacidade, a avançar em oração para uma compreensão melhor e mais sábia das Escrituras da verdade. Portanto, não devemos apenas igualar essas pessoas queridas em cordialidade e boa vontade; devemos também mostrar que temos algo melhor a oferecer. Precisamos empenhar-nos inteiramente em conquistá-las pelo poder do amor e pelo poder da Palavra. Que Deus abençoe aquele que tiver a mensagem mais forte e a melhor compreensão da Bíblia como Palavra de Deus. É aí que estamos, amigos, diante de um enorme desafio para estudar novamente os fundamentos de nossa fé — não para mudá-los, mas para compreendê-los melhor e comunicá-los mais adequadamente, não somente aos católicos, mas aos protestantes e a todos os demais. Chegamos a um momento grandioso: Deus está agindo na situação mundial para que todas as coisas se cumpram, e se cumpram em breve. Esta é a hora da crise. Que Deus nos prepare para ela, por amor ao Seu nome. Amém.

[PÁGINAS 15-16]

APÊNDICE

Sábado, 28 de outubro de 1967 — The Hanford Sentinel
“DESRESPEITO À VERDADE” APONTADO COMO CAUSA DA
SEPARAÇÃO

Por Louis Cassels — United Press International

Charles Davis, ex-sacerdote que já foi o principal teólogo católico romano da Grã-Bretanha, escreveu um livro para explicar por que deixou a igreja. É uma obra ponderada e digna de leitura, que deveria pôr fim às insinuações de que Davis era apenas mais um padre confuso querendo casar-se.

Em *A Question of Conscience* [Uma questão de consciência], publicado nesta semana pela Harper & Row, ele declara sem rodeios: “Deixei a igreja porque havia deixado de acreditar nela”. Deixa claro que não abandonou seu compromisso com o cristianismo. Sua fé em Deus e sua devoção a Jesus Cristo transparecem em todas as páginas desse notável testemunho pessoal.

QUESTIONA A HIERARQUIA

Como Martinho Lutero 450 anos atrás, Davis deixou de acreditar na infalibilidade e até na honestidade da hierarquia eclesiástica romana, cujo chefe e símbolo visível é o papa. Ele afirma — e novamente o paralelo com Lutero impressiona — que uma visita a Roma o desiludiu. Durante o Concílio Vaticano II, do qual participou como consultor especializado, ficou chocado com aquilo que considerava um cínico “desrespeito à verdade” entre altos funcionários vaticanos e muitos bispos. Em Roma, afirma:

“As palavras não são empregadas para comunicar a verdade, mas como meio de preservar a autoridade, sem consideração pela verdade. Qualquer sugestão de questionamento, falta de conhecimento ou busca humilde de uma verdade ainda não alcançada é cuidadosamente evitada. Acima de tudo, jamais se admite um erro passado nem se reconhece francamente que as declarações atuais contradizem ensinamentos anteriores... O objetivo, perante o público em geral, é cercar todos os documentos da Santa Sé de uma aura de autoridade suprema e inquestionável”.

CITA INTRIGAS E MANIPULAÇÕES

Davis também se desencantou ao observar de perto as lutas de poder nos bastidores, as intrigas burocráticas e as manipulações maquiavélicas que ocorrem quando está sendo preparado um importante documento papal.

“Os grupos alcançam seus objetivos inserindo parágrafos ou cláusulas convenientes, modificando afirmações durante o processo de tradução para o latim ou até conseguindo que discursos ou documentos inteiros apareçam sob determinada autoria”, escreve. “Conhecer os mecanismos internos do sistema romano destruiu meu respeito pela autoridade papal... Não eram métodos que demonstrassem qualquer respeito pela verdade... Eram métodos de poder, que distorciam a doutrina em preconceito e defendiam posições fixas por todos os meios disponíveis”.

Por que ele deixou a igreja em vez de permanecer nela para trabalhar pela reforma?

REVOLUÇÃO NECESSÁRIA

Essa pergunta lhe foi feita muitas vezes desde 4 de dezembro passado, quando anunciou seu rompimento com a igreja numa entrevista coletiva que abalou profundamente o mundo católico. Sua resposta é que não acredita ser possível a qualquer movimento de reforma interna conseguir “mais do que ajustes superficiais” numa igreja governada por uma hierarquia autoritária.

Davis nega qualquer desejo de estimular um êxodo em massa da igreja. Mas expressa a convicção de que “somente uma revolução poderia agora trazer a Igreja Romana para a era moderna”.

É um livro controverso, do qual muitas pessoas inteligentes e íntegras discordarão profundamente. Mas sua sinceridade não pode ser questionada com justiça. O próprio Davis afirma que seus argumentos devem ser submetidos à crítica e, se possível, refutados. Pede apenas que sejam levados a sério e enfrentados com respostas substantivas, em vez de especulações condescendentes sobre os motivos ou o “estado psicológico” do autor.

Parece um pedido razoável.

[PÁGINA 17]

NOTA DO EDITOR: Foram selecionadas apenas as páginas do capítulo 35 de O Grande Conflito consideradas mais significativas no contexto do relato do sermão precedente. Recomenda-se que o leitor estude o capítulo inteiro para compreender plenamente sua importância.

CAPÍTULO 35 — OS OBJETIVOS DO PAPADO

O romanismo é hoje encarado pelos protestantes com muito mais favor do que em anos anteriores. Nos países onde o catolicismo não predomina e os partidários do papado seguem uma linha conciliadora para obter influência, cresce a indiferença em relação às doutrinas que separam as igrejas reformadas da hierarquia papal. Ganha terreno a opinião de que, afinal, não divergimos em pontos essenciais tanto quanto se supunha e que uma pequena concessão de nossa parte proporcionará melhor entendimento com Roma. Houve tempo em que os protestantes atribuíam grande valor à liberdade de consciência, conquistada a tão alto preço. Ensinavam seus filhos a abominar o papado e consideravam deslealdade para com Deus buscar harmonia com Roma. Como são diferentes os sentimentos agora expressos!

Os defensores do papado declaram que a igreja tem sido caluniada, e o mundo protestante inclina-se a aceitar a declaração. Muitos insistem ser injusto julgar a igreja atual pelas abominações e absurdos que marcaram seu domínio durante os séculos de ignorância e trevas. Justificam sua terrível crueldade como resultado da barbárie daqueles tempos e alegam que a influência da civilização moderna

transformou seus sentimentos.

[PÁGINA 18]

O GRANDE CONFLITO — página 564 da edição reproduzida

Esqueceram-se essas pessoas da pretensão de infalibilidade mantida durante oitocentos anos por esse poder arrogante? Longe de abandonar tal pretensão, ela foi reafirmada no século XIX com maior insistência que nunca. Já que Roma afirma que a “igreja nunca errou, nem jamais errará, segundo as Escrituras” (John L. von Mosheim, *Institutes of Ecclesiastical History*, livro 3, século 11, parte 2, capítulo 2, seção 9, nota 17), como poderá renunciar aos princípios que governaram sua conduta nos séculos anteriores?

A Igreja Papal jamais abandonará sua pretensão de infalibilidade. Considera correto tudo o que fez ao perseguir aqueles que rejeitaram seus dogmas; e não repetiria os mesmos atos se tivesse oportunidade? Removam-se as restrições atualmente impostas pelos governos seculares e restitua-se Roma ao antigo poder, e logo ressurgirão sua tirania e perseguição.

Um escritor conhecido assim se refere à posição da hierarquia papal quanto à liberdade de consciência e aos perigos que ameaçam especialmente os Estados Unidos caso sua política triunfe:

“Muitos estão dispostos a atribuir qualquer receio do catolicismo romano nos Estados Unidos ao fanatismo ou à infantilidade. Não veem no caráter e na atitude do romanismo nada que seja hostil às nossas instituições livres, nem encontram em seu crescimento motivo de preocupação. Comparemos, portanto, alguns princípios fundamentais de nosso governo com os da Igreja Católica.

“A Constituição dos Estados Unidos garante a liberdade de consciência. Nada é mais precioso ou fundamental. O papa Pio IX, em sua carta encíclica de 15 de agosto de 1854, declarou: ‘As doutrinas absurdas e errôneas, ou delírios, em defesa da liberdade de consciência constituem um erro extremamente pernicioso — uma peste que, acima de todas as outras, deve ser temida num Estado’. O mesmo papa, em sua carta encíclica de 8 de dezembro de 1864, anatematizou ‘aqueles que afirmam a liberdade de consciência e de culto religioso’,

[PÁGINA 19]

OS OBJETIVOS DO PAPADO — página 565 da edição reproduzida

“bem como ‘todos os que sustentam que a igreja não pode empregar a força’.

“O tom pacífico de Roma nos Estados Unidos não implica mudança de coração. Ela é tolerante onde não dispõe de poder. Diz o bispo O'Connor: ‘A liberdade religiosa é apenas suportada até que se possa fazer prevalecer o contrário sem perigo para o

mundo católico’... O arcebispo de São Luís declarou certa vez: ‘A heresia e a incredulidade são crimes; e nos países cristãos, como Itália e Espanha, por exemplo, onde todas as pessoas são católicas e a religião católica é parte essencial das leis do país, elas são punidas como outros crimes’...

“Todo cardeal, arcebispo e bispo da Igreja Católica presta juramento de fidelidade ao papa, no qual figuram as seguintes palavras: ‘Os hereges, cismáticos e rebeldes ao referido nosso senhor [o papa], ou a seus mencionados sucessores, perseguirei e combaterei com todas as minhas forças’.” — Josiah Strong, *Our Country*, capítulo 5, parágrafos 2-4.

É verdade que existem cristãos sinceros na comunhão católica romana. Milhares naquela igreja servem a Deus segundo a melhor luz que possuem. Não lhes é permitido acesso à Sua Palavra e, portanto, não discernem a verdade. Nunca perceberam o contraste entre um serviço vivo, do coração, e uma sequência de simples formas e cerimônias. Deus contempla com terna compaixão essas pessoas, educadas numa fé ilusória e insatisfatória. Fará com que raios de luz penetrem as densas trevas que as envolvem. Revelará a elas a verdade tal como é em Jesus, e muitas ainda tomarão posição ao lado de Seu povo.

Mas o romanismo como sistema não está hoje em maior harmonia com o evangelho de Cristo do que em qualquer época anterior de sua história. As igrejas protestantes estão em profundas trevas, caso contrário discerniriam os sinais dos tempos. A Igreja Romana possui planos e métodos de atuação de grande alcance. Utiliza todos os recursos para estender sua influência e aumentar seu poder, preparando-se para um conflito violento e decidido,

[PÁGINA 20]

O GRANDE CONFLITO — página 566 da edição reproduzida

para recuperar o controle do mundo, restabelecer a perseguição e desfazer tudo o que o protestantismo realizou. O catolicismo avança por todos os lados. Observem o número crescente de suas igrejas e capelas em países protestantes. Considerem a popularidade de seus colégios e seminários nos Estados Unidos, amplamente frequentados por protestantes. Observem o crescimento do ritualismo na Inglaterra e as frequentes deserções para as fileiras católicas. Essas coisas deveriam despertar a inquietação de todos os que prezam os princípios puros do evangelho.

Os protestantes têm contemporizado com o papado e o favorecido; fizeram concessões e assumiram compromissos que surpreendem os próprios partidários do papado e que estes não conseguem compreender. As pessoas fecham os olhos ao verdadeiro caráter do romanismo e aos perigos que se devem temer de sua supremacia. É necessário despertá-las para resistirem aos avanços desse inimigo tão perigoso da liberdade civil e religiosa.

Muitos protestantes imaginam que a religião católica não é atraente e que seu culto consiste numa sequência monótona e sem sentido de cerimônias. Enganam-se. Embora o romanismo se fundamente no engano, não é uma impostura grosseira e desajeitada. O serviço religioso da Igreja Romana é um cerimonial extremamente impressionante. Sua apresentação esplêndida e seus ritos solenes fascinem os sentidos e silenciam a voz da razão e da consciência. Os olhos ficam encantados. Igrejas magníficas, procissões imponentes, altares dourados, santuários ornamentados com joias, pinturas selecionadas e esculturas requintadas apelam ao amor pela beleza. Os ouvidos também ficam cativados. A música é incomparável. As notas ricas e profundas do órgão, misturadas à melodia de muitas vozes que ressoam sob as cúpulas elevadas e ao longo das naves sustentadas por colunas de suas grandes catedrais, impressionam inevitavelmente a mente com reverência e admiração.

Esse esplendor exterior, a pompa e o cerimonial, que apenas zombam dos anseios de uma alma enferma pelo pecado, são evidências de corrupção interior. A religião de Cristo não necessita de tais atrações para recomendá-la. Na luz que irradia do...

[NOTA DE TRANSCRIÇÃO: O PDF reproduz aqui apenas um trecho da página 566, interrompido no meio da frase. A próxima página apresentada salta para a página 571 da obra original. Mantemos o corte tal como aparece no documento.]

[PÁGINA 21]

OS OBJETIVOS DO PAPADO — página 571 da edição reproduzida

“... salvá-los.” Lucas 9:54, 56. Quão diferente do espírito manifestado por Cristo é o espírito de Seu pretense vigário!

A Igreja Romana apresenta agora ao mundo uma aparência favorável, encobrindo com pedidos de desculpas seu registro de crueldades horríveis. Vestiu-se com roupas semelhantes às de Cristo, mas permanece inalterada. Todos os princípios do papado existentes nos séculos passados existem ainda hoje. As doutrinas formuladas nas épocas mais sombrias continuam sendo mantidas. Ninguém se engane. O papado que os protestantes estão agora tão dispostos a honrar é o mesmo que dominou o mundo nos dias da Reforma, quando homens de Deus se levantaram, com risco de vida, para denunciar sua iniquidade. Conserva o mesmo orgulho e a mesma pretensão arrogante que dominava reis e príncipes e reivindicava prerrogativas divinas. Seu espírito não é menos cruel ou despótico agora do que quando esmagou a liberdade humana e matou os santos do Altíssimo.

O papado é exatamente aquilo que a profecia declarou que seria: a apostasia dos últimos tempos. 2 Tessalonicenses 2:3, 4. Faz parte de sua política assumir o caráter mais adequado à realização de seus objetivos; mas, sob a aparência mutável do camaleão, oculta o veneno invariável da serpente. “Não se deve guardar a fé para com os hereges, nem com pessoas suspeitas de heresia” (Lenfant, volume 1, página

516), declara. Deverá esse poder, cuja história de mil anos está escrita no sangue dos santos, ser agora reconhecido como parte da igreja de Cristo?

Não é sem razão que nos países protestantes se afirma que o catolicismo difere menos do protestantismo do que no passado. Houve uma mudança, mas a mudança não ocorreu no papado. O catolicismo realmente se parece com grande parte do protestantismo atual, porque o protestantismo degenerou profundamente desde os dias dos reformadores.

Como as igrejas protestantes têm buscado o favor do mundo, uma falsa caridade cegou seus olhos. Não conseguem perceber que é errado acreditar no bem de todo mal e, como resultado inevitável, acabarão acreditando no mal de todo bem.

[PÁGINA 22]

O GRANDE CONFLITO — página 572 da edição reproduzida

Em vez de se manterem em defesa da fé entregue de uma vez por todas aos santos, agora, por assim dizer, pedem desculpas a Roma por sua opinião pouco caridosa a respeito dela, suplicando perdão por seu fanatismo.

Uma grande classe, mesmo entre aqueles que não veem o romanismo com simpatia, percebe pouco perigo em seu poder e influência. Muitos insistem que as trevas intelectuais e morais da Idade Média favoreceram a disseminação de seus dogmas, superstições e opressão, e que a maior inteligência dos tempos modernos, a difusão geral do conhecimento e a crescente liberalidade em assuntos religiosos impedem o ressurgimento da intolerância e da tirania. A mera ideia de que tal estado de coisas possa existir nesta época esclarecida é ridicularizada. É verdade que grande luz intelectual, moral e religiosa brilha sobre esta geração. Nas páginas abertas da santa Palavra de Deus, a luz do céu foi derramada sobre o mundo. Mas é preciso lembrar que, quanto maior a luz concedida, maiores serão as trevas daqueles que a pervertem e rejeitam.

O estudo da Bíblia acompanhado de oração revelaria aos protestantes o verdadeiro caráter do papado e os faria abominá-lo e evitá-lo. Mas muitos são tão sábios em sua própria opinião que não sentem necessidade de buscar humildemente a Deus para serem guiados à verdade. Embora se orgulhem de seu esclarecimento, desconhecem tanto as Escrituras quanto o poder de Deus. Precisam encontrar algum meio de aquietar a consciência e procuram aquele que menos exige espiritualidade e humilhação. Desejam um método de esquecer a Deus que passe por uma maneira de lembrá-Lo. O papado está preparado para satisfazer os desejos dessas pessoas. Está preparado para duas classes da humanidade, que abrangem quase todo o mundo: os que pretendem salvar-se por seus méritos e os que pretendem salvar-se em seus pecados. Aí está o segredo de seu poder.

Foi mostrado que um dia de grandes trevas intelectuais...

[PÁGINA 23]

OS OBJETIVOS DO PAPADO — página 581 da edição reproduzida

— John Dowling, *The History of Romanism*, livro 5, capítulo 6, seção 55. Isso está em harmonia com as reivindicações sobre o poder do pontífice romano, segundo as quais “é lícito a ele depor imperadores” e “pode absolver os súditos de sua fidelidade a governantes injustos”. — Mosheim, livro 3, século 11, parte 2, capítulo 2, seção 9, nota 17. (Ver também o Apêndice.)

E lembre-se que Roma se orgulha de nunca mudar. Os princípios de Gregório VII e Inocêncio III ainda são os princípios da Igreja Católica Romana. Se tivesse poder, ela os colocaria em prática com o mesmo vigor de séculos anteriores. Os protestantes mal sabem o que fazem quando propõem aceitar a ajuda de Roma na obra de exaltação do domingo. Enquanto se empenham em alcançar seu objetivo, Roma procura restabelecer seu poder e recuperar a supremacia perdida. Uma vez estabelecido nos Estados Unidos o princípio de que a igreja pode empregar ou controlar o poder do Estado, de que observâncias religiosas podem ser impostas por leis seculares — em suma, de que a autoridade da igreja e do Estado deve dominar a consciência —, estará assegurado o triunfo de Roma nesse país.

A Palavra de Deus advertiu sobre o perigo iminente. Se a advertência não for ouvida, o mundo protestante somente compreenderá os verdadeiros objetivos de Roma quando for tarde demais para escapar à armadilha. Ela está crescendo silenciosamente em poder. Suas doutrinas exercem influência nos parlamentos, nas igrejas e no coração das pessoas. Ergue estruturas elevadas e maciças, cujos recessos secretos abrigarão a repetição de suas antigas perseguições. Discreta e insuspeitamente, fortalece suas forças para promover seus objetivos quando chegar a hora de agir. Tudo o que deseja é uma posição vantajosa, e essa posição já lhe está sendo concedida. Em breve veremos e sentiremos qual é o propósito do elemento romano. Quem crer na Palavra de Deus e lhe obedecer sofrerá, por isso, censura e perseguição.

[PÁGINA 24]

RECORDER — ANGWIN, CALIFÓRNIA, 13 DE MAIO DE 1968 — VOL. 67, Nº 43

CENTENÁRIO 1868-1968

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA ORGANIZAÇÃO DA IGREJA

Este é o segundo de uma série de cinco artigos escritos pelo presidente da Associação da União do Pacífico sobre assuntos importantes para todos os membros da igreja. — O Editor.

A IGREJA ORGANIZADA PARA CUMPRIR SUA MISSÃO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia foi organizada com o propósito de unir as forças da família de Deus para que a comissão de proclamar a mensagem do terceiro anjo fosse cumprida com maior eficácia.

Em nosso país, o indivíduo é livre para filiar-se ou não, permanecer na organização ou não permanecer. Antes de unir-se à igreja, não possui obrigações para com o corpo. Exceto pela responsabilidade perante as normas e os regulamentos que governam a sociedade, responde apenas por si mesmo. Se não se uniu à igreja, está livre das normas e regulamentos da comunidade eclesiástica. Se não entregou sua vontade à família da igreja, não está sob a influência ou autoridade de nenhuma comissão eclesiástica. Pode chegar e sair quando quiser. Pode opor-se e condenar. Não pertence à comunidade.

Entretanto, chega o momento em que deseja tornar-se membro do corpo de Cristo. Então se apresenta à igreja e solicita sua admissão pelo batismo. Ao fazê-lo, também manifesta a disposição de entregar-se à igreja de Cristo. Uma vida entregue a Cristo não terá dificuldade em entregar-se à igreja da qual Cristo é o cabeça. “Porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja; sendo ele próprio o salvador do corpo.” — Efésios 5:23.

PERTENCER A UMA COMUNHÃO CRIATIVA

Aquele que se une à igreja afirma, com efeito: “Aceitarei as decisões do corpo da igreja em questões de doutrina, disciplina e promoção dos interesses da igreja. Entregarei minhas opiniões individuais”. “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus.” — Efésios 5:21. Continuará a ter voz, mas aceitará a voz da maioria. Acatará a vontade resultante dos atos do corpo. Pertence a uma comunidade criativa.

Como indivíduo da família, não tentará impor sua vontade à família contra a vontade dela. Colocará os interesses da comunidade acima dos seus. Se sua opinião for diferente da da igreja, ele mesmo se deixará governar pela voz da igreja. Reconhece que essa é a única maneira de a igreja local funcionar efetivamente.

Agora, indo um passo adiante, consideremos a igreja individual. Se uma igreja local não se unisse à irmandade das igrejas, ela estaria livre para agir independentemente dessa irmandade. Uma congregação local assim poderia dizer: “Somos um corpo que se governa a si mesmo. Podemos votar como quisermos. Podemos crer e ensinar o que quisermos. Podemos adotar qualquer forma de governo eclesiástico que desejarmos. Somos uma unidade em nós mesmos. Não pertencemos à irmandade das igrejas”.

IGREJAS NUMA RELAÇÃO DE ALIANÇA

Quando uma igreja se une ao corpo de igrejas, torna-se parte de uma comunhão de igrejas da associação como um todo. As igrejas pertencentes a essa comunidade compreendem que, em questões de governo, normas e crenças eclesiais, aceitarão a voz da associação, que é a voz do corpo de igrejas. Quando a igreja local é recebida na irmandade das igrejas, na reunião dos representantes constituintes, entrega sua vontade à vontade do corpo e ingressa numa relação de aliança.

[PÁGINA 25]

EXCERTOS DE THE MINISTRY

“Vemos aqui que sua principal responsabilidade [a de Arão] era atuar como mediador, como elo entre o santo e o profano, entre Deus e o homem...”

“De maneira semelhante, o ministro do evangelho hoje é o sumo sacerdote...”

“Hoje nós [os ministros] somos os sumos sacerdotes...”

“Deus deseja que nós, que somos Seus sumos sacerdotes hoje, aprendamos as mesmas lições...”

“Que extraordinária responsabilidade é atuar como mediadores entre Deus e o homem!” — The Ministry (órgão oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia), dezembro de 1961.

TESTEMUNHOS ESPECIAIS — Ellen G. White

“Peço ao nosso povo que estude o capítulo 28 de Ezequiel. A representação apresentada ali, embora se refira primeiramente a Lúcifer, o anjo caído, possui um significado mais amplo. Não descreve apenas um ser, mas um movimento geral, do qual seremos testemunhas. Um estudo fiel desse capítulo deve levar aqueles que procuram a verdade a andar em toda a luz que Deus concedeu a Seu povo, para que não sejam enganados pelos enganos destes últimos dias.” — Special Testimonies, Série B, nº 17, p. 30; conforme citado no Comentário Bíblico Adventista, vol. 4, p. 1162.

NOTA DO EDITOR: Em seu contexto, esta declaração de Special Testimonies, Série B, nº 17, p. 30, refere-se evidentemente ao ômega da apostasia.

[PÁGINA 26]

TESTEMUNHO PARA A IGREJA, VOLUME 1 — página 578 da edição reproduzida

Naquela noite sonhei que estava em Battle Creek, olhando para fora através do vidro lateral junto à porta, quando vi uma companhia marchando em direção à casa, de dois em dois. Pareciam severos e determinados. Eu os conhecia bem e me virei para abrir a porta da sala a fim de recebê-los, mas pensei em olhar novamente. A cena

havia mudado. O grupo agora apresentava a aparência de uma procissão católica. Um homem tinha uma cruz na mão, e outro, uma vara. Ao se aproximarem, aquele que levava a vara traçou um círculo ao redor da casa, dizendo três vezes: “Esta casa está interditada. Os bens devem ser confiscados. Eles falaram contra nossa santa ordem”. O terror tomou conta de mim, e corri pela casa, saindo pela porta norte; encontrei-me no meio de uma companhia da qual alguns me eram conhecidos, mas não ousei dizer palavra, por medo de ser traída. Procurei um lugar retirado onde pudesse chorar e orar sem encontrar, por onde quer que me voltasse, olhares inquisidores e ansiosos. Repeti muitas vezes: “Ah, se eu pudesse entender isto! Se me dissessem o que eu disse ou fiz!”.

Chorei e orei muito ao ver nossos bens confiscados. Tentei encontrar simpatia ou compaixão nos olhares daqueles que me cercavam e percebi os semblantes de alguns que, pensei, falariam comigo e me consolariam se não temessem ser observados pelos demais. Tentei escapar da multidão, mas, percebendo que era vigiada, ocultei minhas intenções. Comecei a chorar em voz alta e a dizer: “Se eles apenas soubessem! Se eu simplesmente lhes tivesse dito!”. Meu marido, que dormia na cama do mesmo quarto, ouviu-me chorando alto e acordou. Meu travesseiro estava molhado de lágrimas, e uma triste opressão de espírito repousava sobre mim.

[PÁGINAS 27 E 28]

As duas páginas finais não apresentam texto legível no documento fornecido.